

SÉTIMA
EDIÇÃO



COMO LEVAR CULTURA A QUEM NÃO TEM ACESSO?

30 DE ABRIL

DE 2025



Ficha Técnica

Direção de criação:

Maria Gabriela Cardoso

Produção:

Maria Gabriela Cardoso

Capa:

Walter JS Coutinho

Colunistas Fixos:

Ademilson Lopes, Chirles Oliveira, Lucas Villela, Maria de Melo, Maria Gabriela Cardoso, Marina Stolfi, Matheus Roberto, Michele Fernandes e Renata Mathias de Lima.

Colaboradores:

Antonio Sodré, Cecília Lorca, Edy Justino, Fernanda Azevedo, Iteuane Casagrande, Ivo D. Silva, José Manuel, Luciane Monteiro, Manollo Ferreira, Manuh Paz, Maria Iris Lo-Buono, Marina Stolfi, Márcio Augusto Silva de Souza, Nicole Felipe Beyruth, Resenhas&Autores, Sebastião Amâncio, Tiemi Yokoyama, Walter JS Coutinho.

Comercial:

revistaescribas@outlook.com
coletivoescribas@outlook.com

SUMÁRIO

VÁ DIRETO AO CONTEÚDO
CLICANDO NA PÁGINA
DESEJADA.

[Capa](#)

[Ficha Técnica](#)

[Sumário](#)

[Colunistas](#)

TEMA DA CAPA: COMO LEVAR CULTURA A

QUEM NÃO TEM ACESSO?

PARCEIROS — RESENHAS & AUTORES

ESCREVER PRA QUÊ - ADEMILSON LOPES

Fotografia - Iteuane Casagrande

Indicação de leitura: Elizabeth Montclair e os

Exodusters (Cecília Lorca).

ESCRITA E SAÚDE – CHIRLES OLIVEIRA

UM DIA DE CADA VEZ – LUCAS VILLELA

ESCRITORA VOZ DO POVO – MARIA JOSÉ

DE MELO

SOLTA O VERBO – MARIA GABRIELA

CARDOSO

CHÁ DE BOLDO E DEVANEIOS

(IN)SUPOORTÁVEIS – MARINA STOLFI

Desenho — Ivo D. Silva

CONTEMPLATIONIS – MATHEUS ROBERTO

POÉTICA-MENTE – MICHELE FERNANDES

ENTREVISTA – MARINA STOLFI

Indicação de Leitura - Rostwood:

O ÚLTIMO LAMPEJO (Walter JS Coutinho).

SUMÁRIO

VÁ DIRETO AO CONTEÚDO
CLICANDO NA PÁGINA
DESEJADA.

Desenho — Walter JS Coutinho

**CRÔNICAS DO MÊS – RENATA MATHIAS DE
LIMA**

POESIAS, CONTOS E CRÔNICAS

TEXTOS VENCEDORES DA NOSSA

CHAMADA

APOIE O NOSSO TRABALHO

Contracapa

LEIA TAMBÉM

outras
edições



Revista Escribas | Edição 6



Revista Escribas | Edição 5



Revista Escribas | Edição 4



Revista Escribas | Edição 3



Revista Escribas | Edição 2



Revista Escribas | Edição 1

CONHEÇA



COLUNISTAS

ADEMILSON LOPES

Ademilson Lopes, ou Adam Lino, escritor amador desde os 10 anos, escreve poemas, contos e canções. Paraibano, especialista em psicologia do trabalho e graduando em psicologia. Utiliza a escrita de forma terapêutica. Acredita que escrever é uma forma de se autoconhecer e de resgatar a imaginação. Autor do e-book de poemas autorais De Frente Pro Mar.



CHIRLES OLIVEIRA

Defende o estilo de vida saudável. É atleta, poetisa e escritora. Graduada em Direito pela UESB, licenciada em Letras e Filosofia. Possui especialização em Direito do Trabalho, Violência Contra a Mulher e Direito Penal. Membro da Academia de Letras do Brasil-SP. Autora dos livros “Abstrações - Gritos que ecoam da alma” e “O Reflexo atual da subjugação feminina”.

LUCAS VILLELA

Escritor (best-seller), terapeuta, analista comportamental e consultor estratégico. Amante do comportamento humano, com diversas diplomações em hipnose, psicanálise, neurociência, filosofia, esportes (ex-treinador e coordenador técnico de futebol). Autor dos Livros: Você merece uma vida melhor, O Elo Invisível da Jornada, Ame Você, Segredos em Poesia, Chegando ao Mundo e Aprendendo a se amar.



COLUNISTAS



MARIA JOSÉ DE MELO

Natural de São Caitano, município do Agreste de Pernambuco e atualmente reside em Jaboatão dos Guararapes (PE). É escritora, geógrafa e poetisa. Atualmente é membro do Coletivo Escribas e da Comunidade dos Escritores Admiráveis, da LC - Agência de Comunicação. Autora dos livros: A Renda Fundiária na transposição do Rio São Francisco e A Jitirana Poética.

MARIA GABRIELA CARDOSO

Escritora, poetisa e roteirista gaúcha. Idealizadora do Coletivo Escribas e da Revista Escribas, faz parte de diversas instituições e organizações que visam os direitos das mulheres, LGBTQIA+ e do meio ambiente. Ficou conhecida como Lua Pinkhasovna abordando temas como política, sexualidade e questões sociais. Hoje usa seu nome de batismo para assinar os textos.



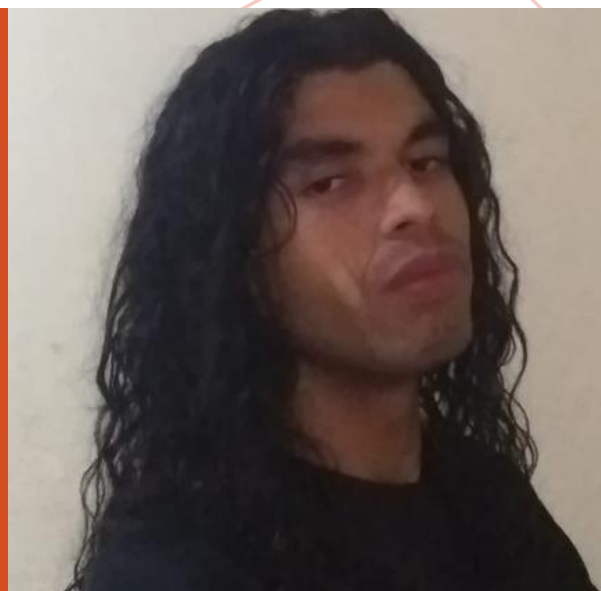
MARINA STOLFI

Poetisa, contista, cronista e romancista nascida em Campinas, SP, mas criada como viajante, Marina já conheceu diversos estados, tendo a oportunidade de morar em Minas Gerais e Pernambuco, onde reside no momento. Participou de cinco antologias poéticas desde o ano de 2021, é responsável pelo perfil criativo Para Ver e Ler e, atualmente, trabalha de forma independente.

COLUNISTAS

MATHEUS ROBERTO

Sou um mero escritor que caminha num pátio noturno esperando acolhimento das sombras. Tenho 25 anos, escrevo faz pouco tempo, mas já produzi muita coisa. Amo a arte, mas especialmente a poesia e a pintura; naturalmente coincido as obras de arte com os textos. Acredito que a pintura e o poema são uma coisa só. Gosto bastante da arte “dark”: o gótico, o grotesco, o horror e outras formas “negativas” de expressão.



MICHELE FERNANDES

É escritora autista. Gaúcha, nascida e criada em Porto Alegre. Formada em Letras - Português e Grego pela UFRGS. Atua como editora da Revista Contos de Samsara, é também revisora e leitora crítica. Já publicou dois livros, sendo eles: “Conta Comigo! Três vezes mulher” (2021), de contos, pela Editora Voz de Mulher, e “Eu prefiro o meu próprio crime” (2023), de poesia, pela Editora Arpillera.

RENATA MATHIAS DE LIMA

Professora e escritora. Formação em Letras, pela UNIFAI/SP, e Pós-graduação em Língua Portuguesa, pela PUC/SP. Fundadora e escritora de crônicas no Blogue Mentos e Frutos. Membro da Antologia de 40 anos, Editora Scortecci, de Um Natal mais que especial, Editora Perse, e membro do Coletivo Escribas.



COMO LEVAR

CULTURA A

QUEM NÃO TEM ACESSO?

O que é cultura?

Cultura é tudo aquilo que um grupo humano cria, compartilha e transforma ao longo do tempo. Vai muito além de obras de arte, museus ou livros. Cultura está na língua que falamos, nos alimentos que preparamos, nas músicas que cantamos e até nos gestos e costumes do dia a dia. Ela pode ser visível — como nas danças, pinturas, roupas — ou invisível, como nas crenças, valores, tradições e formas de se relacionar. Cultura, enfim, é o que nos torna humanos em nossa pluralidade.

Como acabamos de ver, cultura não é um simples passatempo ou hobby. Ela é, antes de tudo, a expressão de um povo, de um grupo de pessoas, de um ser. É por meio dela que as pessoas expressam suas vozes, vivências, dores, vitórias, entre tantas outras experiências, influenciando também outras vidas. Por isso digo: acesso à cultura não é luxo, é justiça social. É a partir dela que o ser humano desenvolve seu senso crítico, sua tolerância e sua capacidade de conviver em grupo com pessoas que vivem realidades diferentes das suas. E, acima de tudo, a cultura é capaz de traçar uma nova rota para

quem, muitas vezes, não via caminho — como nos casos de pessoas marginalizadas ou até mesmo desesperançosas. Um exemplo está em um estudo realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2015), que mostrou que projetos culturais voltados para jovens em áreas vulneráveis contribuíram de forma significativa para a redução da violência, ao promoverem inclusão social, fortalecerem vínculos comunitários e oferecerem alternativas à criminalidade.

A meu ver, é preciso **descentralizar a cultura**. Investir fora dos grandes centros urbanos, apoiar artistas locais e criar circuitos culturais em bairros periféricos. Iniciativas como editais de cultura, sejam públicos ou privados, são fundamentais — porque, além de financiarem projetos, também recebem retorno por meio do público consumidor. Segundo a **Conta Satélite de Cultura do IBGE**, em 2020, as atividades culturais representaram **3,11% do Produto Interno Bruto (PIB)** do país, o que equivale a cerca de **R\$ 230 bilhões movimentados**. No cenário internacional, dados da **UNESCO (2022)** mostram que as indústrias culturais e criativas correspondem a aproximadamente **3,1% do PIB mundial** e geram emprego para **mais de 50 milhões de pessoas em todo o mundo**. Esses números evidenciam que a cultura não é apenas um instrumento de transformação social, mas também um setor estratégico para o desenvolvimento econômico.

Entretanto, infelizmente ainda vivemos em um país onde ser artista ou produtor cultural é visto de forma negativa, e as leis de incentivo são frequentemente criticadas por pessoas que, muitas vezes, não dedicam nem um minuto do seu dia para entender como elas realmente funcio-

nam. E já adianto aqui: não, o governo não “dá dinheiro para artista” (pelo menos não da forma como muitos pensam). Muitas vezes, o nosso trabalho — autônomo, individual e autodidata — ultrapassa as oito horas de um serviço registrado.

Sendo assim, cultura só faz sentido se for viva e difundida. É preciso investir em bibliotecas públicas, na doação de livros, em vouchers para estudantes e professores, em teatros nas praças, shows gratuitos, pinturas espalhadas pela cidade... Enfim, termino este texto com uma das minhas frases favoritas:

Onde não há cultura, a violência vira espetáculo.

(Autor desconhecido)

Maria Gabriela Cardoso

RESENHAS & AUTORES

PARCEIROS



CONHEÇA O PROJETO

A Revista é especializada em literatura nacional. Trata-se de um grupo dedicado à divulgação de obras literárias e autores independentes do Brasil. Seu objetivo é oferecer informações sobre o cenário autoral, além de apresentar curiosidades, obras e escritores de diferentes regiões. A publicação abrange todos os gêneros literários — da literatura infantil à adulta, passando por quadrinhos, contos fictícios, não ficção e poesia.

R E S E N H A &
A U T O R E S

Revista digital especializada em Literatura Independente.

Edital de Antologias Temáticas – Fevereiro 2025

Editora Resenhas & Autores convida escritores de todos os gêneros literários a participarem de nossas antologias temáticas para o mês de janeiro. Este é um convite para compartilhar suas histórias, poesias, ensaios e crônicas com um

CONHEÇA MAIS

A página visa oferecer informações sobre as tendências da literatura independente nacional. Nela, são publicadas matérias, resenhas de livros, curiosidades e opiniões sobre o cenário da produção literária independente, além de entrevistas com autores e muito mais. É um espaço onde o leitor se mantém sempre bem informado.

Conteúdo oferecido:

- Livros, contos, romances, ficção, ensaios, quadrinhos, light novels e poemas.
- Diversos gêneros literários: do infantil ao adulto; da ficção à não ficção.
- Dicas e tutoriais, entrevistas, resenhas, análises e comentários, curiosidades e anúncios de lançamentos e relançamentos de obras literárias autorais independentes.
- Também são abordados temas relacionados ao mercado editorial.

ESCREVER PRA QUÊ?



Escrita Terapêutica

Escrever para evitar conflitos...

Nosso melhor amigo é simpático e posta uma foto nos stories com alguém que a gente não suporta. Apesar de termos mais de cinco anos de amizade, ao ver a foto, ficamos desapontados, tristes e revoltados. Sem parar para refletir, respirar e pensar duas vezes, pegamos o celular, escrevemos, apagamos e voltamos a escrever mil vezes um textão no WhatsApp. Depois de várias tentativas de elaborar uma mensagem sobre nosso descontentamento, decidimos gravar um áudio de mais de cinco minutos, xingando nosso melhor amigo, dizendo o quanto ele foi falso e desleal com a nossa amizade. Bloqueamos ele, nunca mais voltamos a nos falar — e assim, chega ao fim uma amizade de mais de cinco anos.

Mas... nosso amigo foi realmente falso e desleal com a nossa amizade?

Ele nunca mereceu nosso carinho e confiança?

Todos os momentos vividos juntos, as memórias construídas, foram apenas ilusões?

O foco aqui parece ser o outro — o nosso amigo —, mas e se, ao invés de escrever algo atacando a situação (e principalmente o nosso amigo), a gente simplesmente parasse? Pegássemos uma folha, uma caneta, e escrevêssemos sobre como nos sentimos com a situação? Sobre o quanto amamos esse amigo e, por mais que estejamos tristes e inseguros com a presença de alguém que nos feriu, será que vale a pena ferir nosso amigo também? Será que, ao fazer isso, não evitaríamos o desfecho tão triste que levou ao fim da amizade?

Talvez todo esse movimento de escrever não adiante de nada.

Mas talvez, sim, ele adiante.

Talvez, em vez de bagunçar ainda mais nossas emoções e prejudicar nossa saúde mental, escrever nos aproxime dos outros — e de nós mesmos.

Escrever, pra quê?

ADEMILSON LOPES

Ademilson Lopes, ou Adam Lino, escritor amador desde os 10 anos, escreve poemas, contos e canções. Paraibano, especialista em psicologia do trabalho e graduando em psicologia. Utiliza a escrita de forma terapêutica. Acredita que escrever é uma forma de se autoconhecer e de resgatar a imaginação. Autor do e-book de poemas autorais De Frente Pro Mar.



A photograph of a brown dog sitting in the front basket of a bicycle. The bicycle is parked under a large tree with vibrant pink cherry blossoms. In the background, a person is walking on a path in a park-like setting with green grass and other trees. The sky is overcast.

SELECIONADOS DA CHAMADA

ITEUANE CASAGRANDE

Cidade/estado: Berlim/Alemanha
Perfil do Instagram: @entrepalavraserimas.iteuane

INDICAÇÃO DE LEITURA



ELIZABETH MONTCLAIR E OS EXODUSTERS

CECÍLIA LORCA

Trecho do livro:

– Eu vi famílias inteiras na neve, tremendo de frio. Crianças descalças, famintas... Eu vi os barcos passando... eles não paravam. Decidi abrigar o maior número de pessoas.

Esta é a continuação do livro O Destino de Elizabeth Montclair. O ano é 1879. Um grande êxodo ocorre no Sul dos Estados Unidos e milhares de ex-escravizados buscam escapar da opressão que sofrem por causa das leis injustas e racistas, as Leis Jim Crow. Eles migram para o Kansas, com sua promessa de liberdade, por isso são chamados Exodusters.

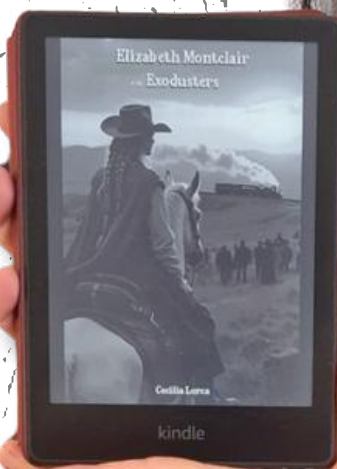
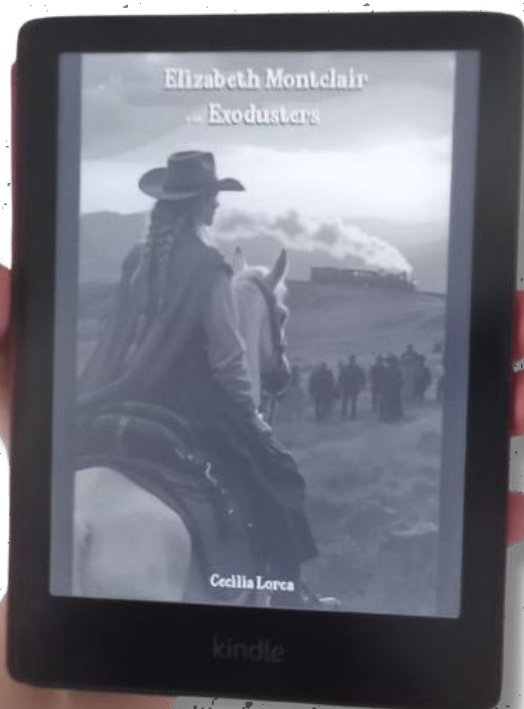
INDICAÇÃO DE LEITURA

Vários líderes comunitários tentam ajudar essas pessoas a chegarem ao seu destino, como Benjamin “Pap” Singleton, Charlton H. Tandy e tantos outros heróis anônimos.

Elizabeth também participará dessa missão cheia de armadilhas e obstáculos, e com a ajuda de seu marido, Ted, e seus amigos leais, lutará para que esses homens, mulheres e crianças, privados de dignidade, cheguem a salvo à Terra Prometida.

(Compre diretamente pelo link abaixo)

amazon



ESCRITA E SAÚDE

NEM SÓ DE LETRAS VIVE UM ESCRITOR



Cuidar de si é honrar a vida

Nas edições anteriores vimos os benefícios do ar puro, da água e da luz solar que são verdadeiros presentes da natureza. Hoje falaremos de outras atitudes que são igualmente importantes e merecem nossa atenção. Em tempos de correria e excesso de atividades, vale refletir sobre a necessidade de resgatar esses hábitos simples e vitais, são pequenas mudanças que farão grande diferença. Vale salientar que o bom sono, sempre tão negligenciado, é o alicerce para o bem-estar e a produtividade do dia seguinte. Dormir bem não é luxo, é algo necessário. O corpo se repara, a mente se organiza e as emoções se acalmam enquanto descansamos. Negligenciar o sono é ficar com a bateria pela metade – em algum momento ela irá te deixar na mão. O horário adequado para o sono, segundo um estudo da Universidade de Harvard, é entre as 22 e as 23 horas, isso considerando uma rotina de despertar entre as 6 e as 7h da manhã. Junto com o bom sono, um despertar proativo com a quantidade ideal de atividade física é revigorante, um convite ao movimento da vida. Não se trata apenas de ir à academia, mas sim, de energizar o corpo: uma caminhada ao entardecer, uma dança, uma ida ao parque com os filhos. Estar em movimento é antídoto contra o sedentarismo, um dos males corrosivos do nosso tempo. Junto a esses hábitos saudáveis, a alimentação equilibrada também é um remédio natural. Comer com consciência, preferindo o natural ao industrializado, é um gesto de amor a si, ao seu corpo e sua saúde.

O alimento não é apenas combustível, é fonte de vida. Influenciando diretamente sobre nossa energia, humor e imunidade. É importante frisarmos o equilíbrio na alimentação, pois esse também é um remédio natural. Equilíbrio ou temperança, talvez esse seja o mais desafiador dos remédios. Em um mundo de excessos, a moderação está ultrapassada, mas saber dizer “sim” na medida certa, ao que faz bem e “não” ao que é prejudicial é uma demonstração de sabedoria e autocuidado. Comer demais, trabalhar demais, muita correria... tudo que em excesso, desequilibra, adoce e mata. Vamos saber dosar a vida e aproveitar melhor o que ela nos oferece. Por fim, a fé, a confiança, é um remédio muitas vezes esquecido, mas que tem um papel profundo e transformador. Confiar, acreditar, entregar, parece algo tão difícil em um mundo de pessoas autônomas e autossuficientes, não é à toa que as pessoas estão adoecidas e sobrecarregadas. Ter fé é alimentar a esperança em meio às dificuldades. É reconhecer que, mesmo nos dias nublados, há uma força maior que nos sustenta, guiando nossos passos. Esses remédios naturais não têm contraindicações, não custam caro e estão ao alcance de todos. Integrá-los ao cotidiano é mais do que uma questão de saúde, é um estilo de vida que beneficia o corpo, a mente e o espírito.

CHIRLES OLIVEIRA

É baiana, reside atualmente em Cascavel-PR. Formada em Direito pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, licenciada em Letras e Filosofia, bacharelado em Psicanálise. Poeta e escritora, Doutora Honoris Causa pela Academia de Letras do Brasil-SP, onde ocupa a cadeira 38. Autora de “O Reflexo atual da subjugação feminina” e outros livros de poesias, contos e infantis, participa em dezenas de antologias. Atleta, busca viver um estilo de vida saudável. Se considera um ser humano em construção.



UM DIA DE CADA VEZ

Saúde Mental — Poesia — Versos



COMO ESTÁ A SUA MENTE!?

**Sua mente é extraordinária.
As alegrias e conquistas,
Permanecem e engradem.**

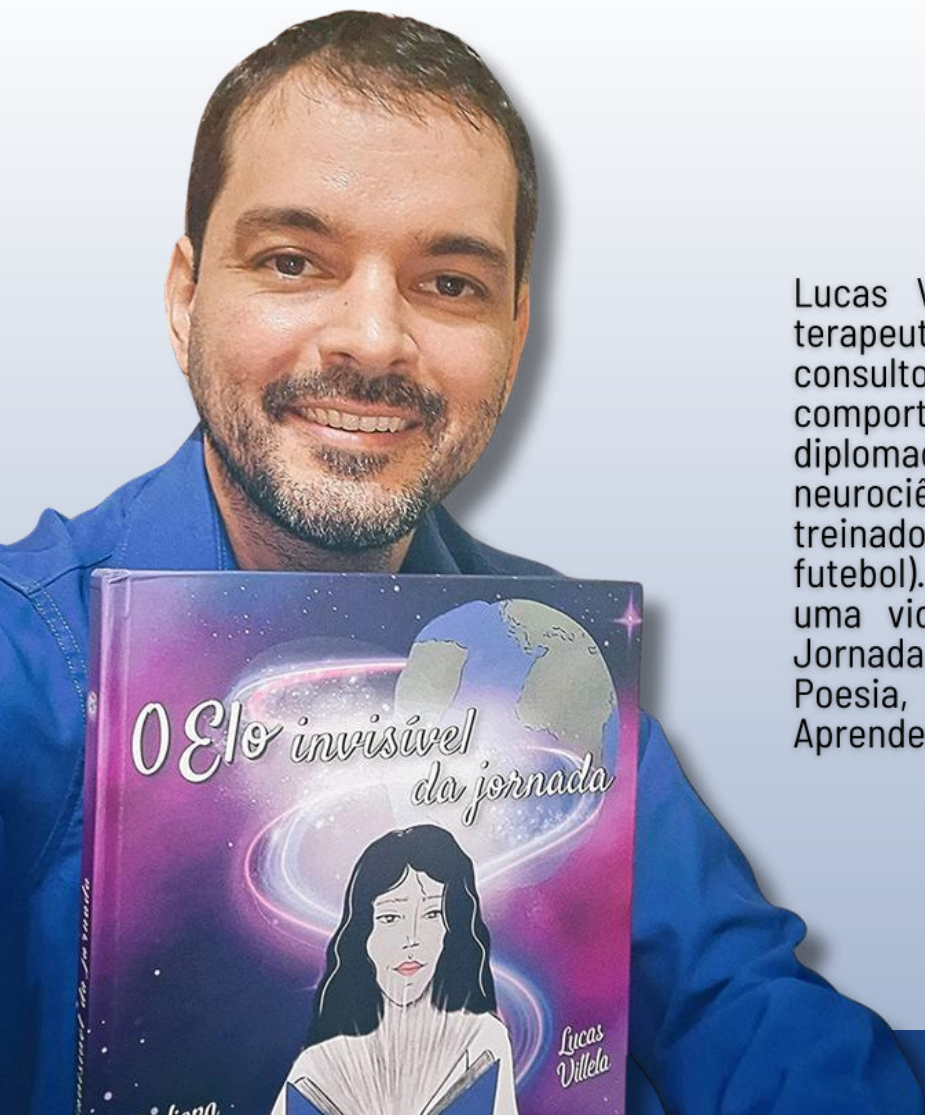
**A sua mente é complexa.
Nos erros, você aprende.
Ou não, e tudo se repete.**

**A sua mente é delicada,
guarda detalhes.
Que no coração se espalha.**

**A sua mente, segue a manada,
E lá na frente, quando percebe
(percebe!?),
Já está enganada.**

**A sua mente é a sua vida!
Seus sentidos.
Existência!**

**A sua mente precisa de
cuidados!
Se você não cuidar!?
Quem vai, por você, viver?**



LUCAS VILLELA

Lucas Villela é escritor (best-seller), terapeuta, analista comportamental e consultor estratégico. Amante do comportamento humano, com diversas diplomações em hipnose, psicanálise, neurociência, filosofia, esportes (ex-treinador e coordenador técnico de futebol). Autor dos Livros: Você merece uma vida melhor, O Elo Invisível da Jornada, Ame Você, Segredos em Poesia, Chegando ao Mundo e Aprendendo a se amar.





ESCRITORA VOZ DO POVO

POR QUE FOI TÃO IMPORTANTE PARA MIM ESCREVER SOBRE O FENÔMENO DA VIOLÊNCIA SEXUAL? (PARTE II)

A escrita me ajudou a buscar e chegar ao diagnóstico clínico, ter um tratamento bem-sucedido e entender a minha história sem culpa. Quando aconteceu a violência sexual, no ano de 2002, comecei imediatamente a apresentar um comportamento diferente e a minha forma de olhar o mundo mudou drasticamente. Infelizmente, isso não foi percebido pelos meus familiares a tempo de poder procurar ajuda profissional. Embora fosse impossível devido ao meu silêncio sobre o ocorrido. Naquela época, havia muito mais limites, preconceitos e ausência de enfrentamento quando o assunto era a violência sexual. A demora para buscar acolhimento e ajuda profissional impossibilitou a identificação dos sintomas e, conseqüentemente, o diagnóstico e o tratamento. Após iniciar a psicoterapia, no ano de 2022, passaram-se mais de dois anos para eu poder receber um laudo médico, em outubro de 2024, elaborado por um neurologista. E, infelizmente, o diagnóstico só chegou depois de um longo processo de grande sofrimento e um acumulado de episódios estressores que levaram à intensificação dos sintomas a longo prazo. O marco para o surgimento do trauma ao estressor — violência sexual — foi provocado pela vivência traumática da infância.

Contudo, ocorreram outras situações a partir do ano de 2015, que provocaram crises cíclicas com picos depressivos, ocasionando o aumento dos sintomas que provocaram o surgimento do Transtorno de Adaptação (TA). Logo, estudar o fenômeno da violência sexual foi extremamente relevante para mim, pois pude compreender as alterações que a vivência traumática causou no meu comportamento, cognição, emoções e sentimentos. Isso aconteceu quando passei a entender o impacto na minha vida a longo prazo. Como também me auxiliou a perceber “a mulher que há mim”. Dessa forma, procurei olhar para ela com mais afeição, cuidado e acolhimento. Nessa busca interna, ganhei coragem para buscar repertório sobre o que tinha acontecido comigo para poder sair da situação dolorosa, que gerou tanto sofrimento, desencadeando disfunções psíquicas por vários anos.



MARIA JOSÉ DE MELO

Natural de São Caitano, município do Agreste de Pernambuco, atualmente reside em Jaboatão dos Guararapes-PE. É escritora, geógrafa, colunista e poetisa. Autora dos livros: A Renda Fundiária na transposição do Rio São Francisco (2021), publicado pela editora Índica, A Jitirana Poética (2023), pela editora Toma Aí Um Poema e Memórias Literárias de Amora: uma cartamanifesto (2025), publicado pela Beija-flor editorial e continua escrevendo o seu projeto autobiográfico.





SOLTA O VERBO



Dos Pés Ao Palato

Maria Gabriela Cardoso

O livro *Dos pés ao palato*, que foi finalista do Prêmio Carolina Maria de Jesus, realizado no ano de 2023 pelo Ministério da Cultura, é um compilado de textos sobre o cotidiano, política, sexualidade, doenças mentais e bobagens quase tão necessárias quanto os assuntos sérios tratados nele.

Todo conteúdo do livro foi criado pelos caminhos que trilhei, pessoas que conheci, histórias que ouvi e que eu, como uma boa fofqueira, não consegui guardar.

Ele é um livro sem moralismos, partidos e principalmente sem amarras com caretas e elitistas. Eu falo mal de todo mundo (inclusive de mim). Não gosto de regras e acho as linhas dos cadernos muito certinhas. Nem mesmo gostaria de colocá-lo em algum gênero literário. Ele é uma conversa com o leitor. Uma fofoca. Um desabafo. Mas acima de tudo, uma chamada para reflexão. Ame ou odeie, não aceito menos que isso.

(Compre diretamente pelo link abaixo)



MARIA GABRIELA CARDOSO

Escritora, poetisa e roteirista gaúcha. Idealizadora do Coletivo Escribas e da Revista Escribas. Faz parte de diversas instituições e organizações que visam os direitos das mulheres, LGBTQIA+ e do meio ambiente. Ficou conhecida como Lua Pinkhasovna abordando temas como política, sexualidade e questões sociais. Hoje usa seu nome de batismo para assinar os textos.





Chá de boldo e devaneios (in)suportáveis

Quanto mais você se ama, mais as pessoas te amam; quanto menos se ama, mais as pessoas se apaixonam.

É isso mesmo que você ouviu! Estudo sobre a paixão e o amor há um tempo, com narrativas e Bauman, especialmente, e reparei o seguinte: analisando o aspecto ilusório da paixão, é mais comum que ela lide com o falso. Pessoas inseguras, frequentemente, moldam a si para caber no que é desejado por alguém, mentem sobre quem são, inventam histórias. O amor-próprio vem muito da satisfação de seguir seu caminho e de se orgulhar de quem é, exatamente o contrário do que a insegurança causa em nós. Claro, claro, nem sempre seremos confiantes. Amor-próprio é uma construção nada linear e extremamente complexa, mas, quanto mais o adquirimos, mais verdadeiros, reais e difíceis somos. Difíceis mais ou menos, porque aprendemos a falar não, impor limites, desagradando muita gente, mas também começamos a assumir nossos gostos pessoais, nos tornamos mais autênticos, felizes e agradáveis!

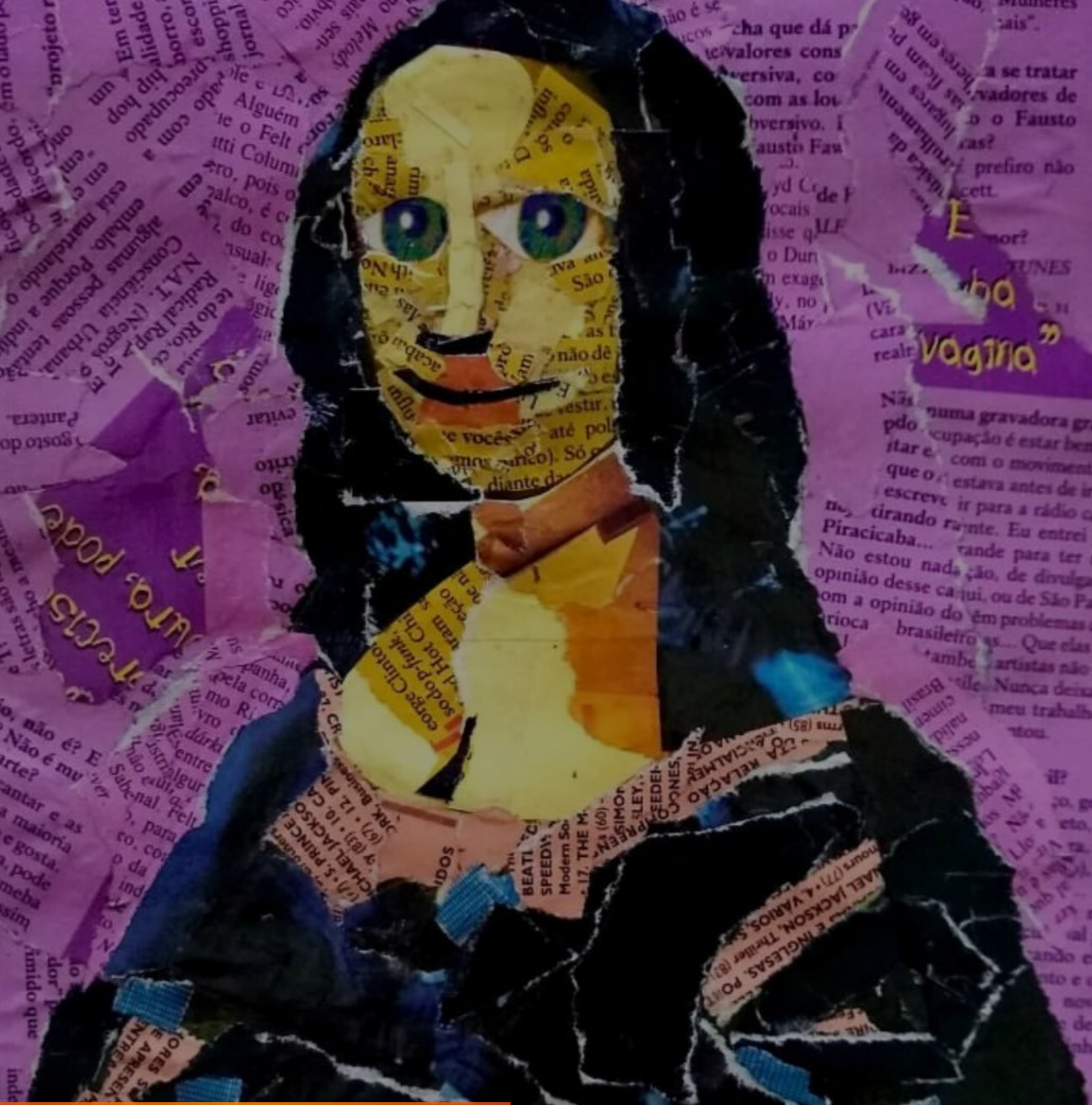
Concorda comigo que, quando confiamos em nós mesmos, atraímos pessoas alinhadas com o que realmente somos? (Papinho de coaching, mas é verdade) Não há porquê fingir, nem se desesperar. A gente acaba ensinando às pessoas o que podem esperar da gente. Mentira causa ilusão e, posteriormente, expectativas frustradas. Verdade causa conexões sinceras e compreensão a longo prazo, se o outro estiver disposto, e assim, se mostrar digno.

Um belo dia tive o pensamento intrusivo de que “se as pessoas me acham especial, eu me vingo sendo”. Mas sejamos especiais em nosso próprio conceito! Nos tornamos bons para nós e impactamos a vida das pessoas em volta, dessa forma fica mais fácil acolher e amar quando sabemos quem somos.

MARINA STOLFI

Poetisa, contista, cronista e romancista nascida em Campinas-SP, mas criada como viajante, Marina já conheceu diversos estados, tendo a oportunidade de morar em Minas Gerais e Pernambuco, onde reside no momento. Participou de cinco antologias poéticas desde o ano de 2021, é responsável pelo perfil criativo Para Ver e Ler e, atualmente, trabalha de forma independente, explorando e inventando mundos em poesia e ficção, contando com diversos e-books e uma fantasia disponível em livro físico.





SELECIONADOS DA CHAMADA

IVO D. SILVA

Cidade/estado: Santo André/SP
Perfil do Instagram: @iv.dois

CONTEMPLATIONIS

TEMA — CONTEMPLAÇÃO

Arvoredo Interior

O prelúdio da noite ameaça meus olhos negros. Fito o horizonte: passam carros, mas o céu é mais veloz. Estou sob o avistamento da provável Vênus; algumas estrelas começam a surgir. O lumiar das árvores torna-se negro, e elas farfalham lentamente no acalantar fresco. Com o passar da hora, a escuridão cobre todo o céu. Posso sentir os sentimentos das folhas mortas, porque a escuridão ornou a consciência que antes sentiam. Agora paira a melancolia, uma calma e agridoce melancolia. *As folhas respiram lentamente... Mas a tristeza dos ramos não se sucumbe à efemeridade da vida.* É como se eu e as árvores fossemos uma entidade una, ainda que compartilhássemos outros corpos. Na dança do vento, sobem diversos aromas de perfumes. É domingo. Famílias cristãs vão em direção à igreja deificar as suas raízes. Passam despercebidas do arvoredo, mas notam-me olhando-as; elas dão passos lentos, mas que para mim, soam apressados.

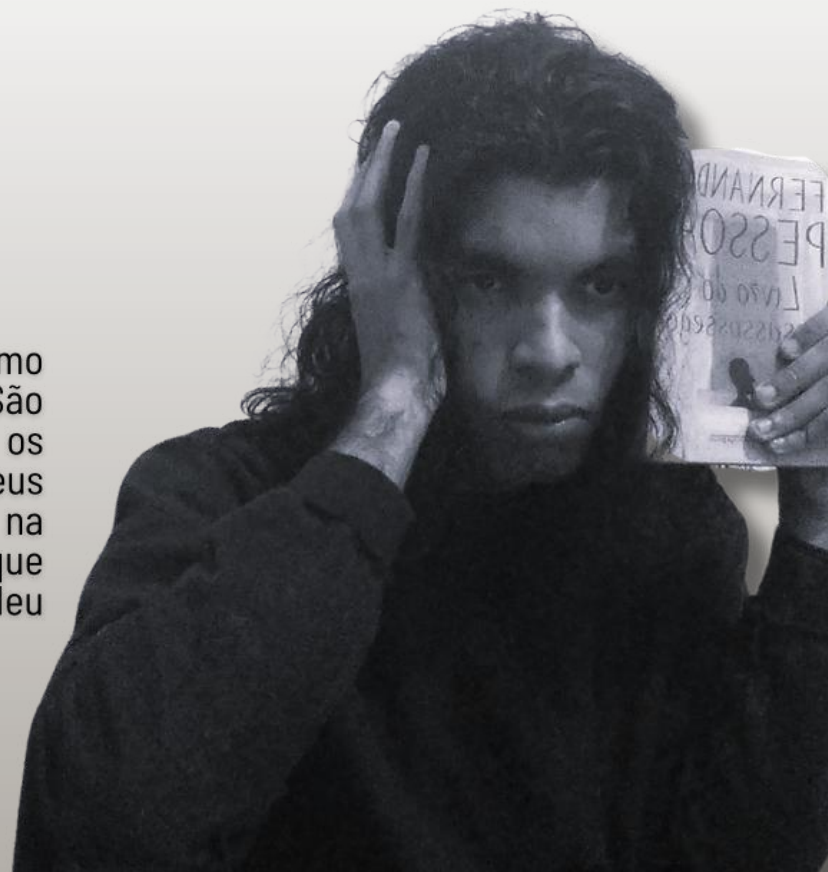
A rua fica vazia. O instante é mais veloz que o céu; morre quando você o percebe; sua consciência ganha outra existência quando meditada no momento. Não sei se as outras pessoas ficam melancólicas quando repousam em posição de lótus. Já no meu caso, acontece de abrir novas angústias em meu coração. Sinto vazio, mas nada como a vacuidade do budismo; é um modo de ser que é reconfortante, mas também apático. Um desânimo que repousa em minha alma, onde a melhor maneira de lidar com isso é escrevendo.

A palavra ganha contorno dessas coisas estranhas na minha vida. Recomendo a meditação a todo ser pensante neste mundo, mas não para mim, eu sou alguém esquisito com senso de urgência de significados. Os cristãos que vejo aos domingos devem meditar, Deus ajudará dando forças e significados mais sólidos para estarem aqui. Quando tento meditar, é como se um trauma inconsciente fosse uma folha, e ela embrulhasse num cataclismo de problemas. É difícil de explicar, por isso uso metáforas como auxílio.

A contemplação me incomoda, e muitas vezes, prefiro estar alheio à realidade do que imerso nela. O problema é que a realidade material é fúnebre: literalmente, as árvores e as pessoas morrem, semelhantes ao instante breve de estarmos vivos.

MATHEUS ROBERTO

Sou o Matheus Roberto, de pseudônimo "Reirazinho". Moro no interior de São Paulo e gosto de dialogar com os demônios do interior dos meus pensamentos. Tenho interesse na melancolia e na profundidade que revelam as condições humanas. Meu interesse maior é pela poesia.



POÉTICA-MENTE

TEMA: NEURODIVERSIDADE

ESTA CRÔNICA NÃO É SOBRE INSETOS

Em vez de canto de passarinho, me acordei hoje em sobressalto, às 6:30 da manhã, com um barulho estrondoso. Pensei que a rede Zaffari estivesse derrubando de vez a floresta na frente da minha casa. No fim, era a equipe da dengue jogando inseticida na rua. Meu marido correu pra colocar as nossas abelhas pra dentro de casa, porque ninguém perguntou se a gente tinha insetos de estimação. Os venenos e o número cada vez mais reduzido de florestas já está causando a extinção dos vaga-lumes, se chegar nas abelhas, o mundo acaba. Com a minha cabeça, ainda sobre o travesseiro, começou a fabular brigas com possíveis invasores. É porque sou autista e tenho medo de gente — principalmente medo de que derrubem as minhas florestas, matem as minhas abelhas, extingam meus vaga-lumes — e de ser picada por um *Aedes aegypti* (de novo). Em 2022, contraí dengue. O surto dessa doença foi uma novidade na minha cidade, Porto Alegre. Como fica muito no sul, no inverno, os mosquitos morrem. Com o aquecimento global, o verão se prolonga, e já era abril quando me contaminei. Desavisada, quase me desvivi tomando Ibuprofeno. Agora todo ano tem surto de dengue por aqui.

Já são 10:00, e o meu coração ainda está em estado de taquicardia. É que não sou o tipo de autista que se atira no chão, cobre os ouvidos com as mãos ou fica balançando o corpo quando um barulho incomoda. Em mim, o revertério fica longe das vistas dos outros: o coração acelera, e os pensamentos começam a ficar congestionados. Escrever, acredito, me faz colocar ordem no vespeiro. Então aproveito pra criar um final feliz pra este texto. Nele, Greta Thumberg, ativista ambiental e autista, vem pra Porto Alegre salvar a Floresta do Sabará. Satoshi Tajiri, apaixonado por animais e autista, salva todos os vagalumes, colocando-os dentro de uma pokébola. Elon Musk, canalha e autista, leva todos os milionários (incluindo donos de redes de supermercados) pra Marte num foguete. E eu me acordo com o som dos pássaros e com a voz de Susan Boyle, autista e cantora, entoando "I dreamed a dream". Meu coração, enfim, desacelera.

MICHELE FERNANDES

É gaúcha, 45 anos, autista, idealizadora da Revista Contos de Samsara, agora Editora Samsara. É uma das coordenadoras do Coletivo Escrevintes, autora do livro de contos Conta Comigo! Três Vezes Mulher (Ed. Voz de Mulher/2021), do livro de poesia Eu prefiro o meu próprio crime (Ed. Arpillera/2023), e do romance Tempestade em Céu Azul (Ed. Samsara/2024).



MARINA STOLFI

Poetisa, contista, cronista e romancista nascida em Campinas–SP, mas criada como viajante, Marina já conheceu diversos estados, tendo a oportunidade de morar em Minas Gerais e Pernambuco, onde reside no momento. Participou de cinco antologias poéticas desde o ano de 2021, é responsável pelo perfil criativo Para Ver e Ler e, atualmente, trabalha de forma independente, explorando e inventando mundos em poesia e ficção, contando com diversos e-books e uma fantasia disponível em livro físico.



Entrevistando o autor

O que são as palavras pra você?

A substância primária da poesia, do enredo e do significado. As palavras são essenciais ao escritor e acredito que é na escolha delas que desenvolvemos um bom diálogo com o leitor.

Escreve todos os dias?

Sim e não. Escrevo, mas não de forma sistemática. Todos os dias, escrevo pelo menos um poema e um roteiro de vídeo, texto para a revista, ou meu blog. No entanto, não sigo uma rotina de escrita pautada em meta de caracteres ou palavras, exceto quando tenho um prazo muito importante a cumprir. Em geral, é tudo muito fluido e prefiro manter assim.

Sobre o que você mais gosta de escrever?

Pessoas e sentimentos. Sou apaixonada por histórias exatamente pelas nuances de sentimentos e diversidade de personagens. Trago isso nos meus contos, em Introspecção, e até mesmo em meus poemas, pois gosto de formar cenários com eles, uma cena com detalhes possíveis de se imaginar.

Você escreve pelo computador ou à mão?

Computador ou celular. A tecnologia otimizou absurdamente o meu trabalho, não sei quem eu seria sem o Word, o Google Docs, o Drive e o Notas (Google Keep). Escrever notas em uma fila, no transporte, ou durante um café, é meu equivalente aos momentos de Clarice Lispector escrevendo no guardanapo e fico feliz das coisas serem diferentes hoje em dia, porque eu facilmente perco papéis avulsos na minha carteira ou nos bolsos.

Quando foi que você olhou para si mesmo e disse: “é isso mesmo que quero fazer, serei escritor”?

Tive muitos momentos assim, e ainda tenho; quando criança, ao escrever as histórias mais livres; um pouquinho mais velha, quando eu e uma grande amiga nos juntamos para escrever e apresentar tirinhas para as crianças mais novas; nas tardes após sessões de estudos acompanhada apenas de playlists e viagens dentro da minha cabeça; todas as vezes que finalizo um texto, falo com um leitor, ouço uma crítica positiva.

Quem te inspira? O que te inspira? Onde você busca criatividade?

Toda gente, tudo e em todo lugar. O que preenche o meu espírito, os meus valores, as pessoas que eu amo são inspirações e lugares seguros, de fácil acesso, mas também pode se aprender muito com o que não acredita, não gosta ou é indiferente, com a raiva que pode sentir de determinadas coisas. Por isso, tento ler e escutar de tudo, analisar pacientemente o que vejo, ouço e sinto. É um processo terapêutico.

Como você vê a sua carreira na escrita daqui a 5 anos?

É mais um plano de vida do que um plano de carreira, estou alinhando a segunda parte. Listei as obras que quero publicar em determinado tempo, mas a ordem de prioridade sempre muda à medida que eu mudo, assim é a vida. Mas, de fato, quero daqui a cinco anos ser uma referência de alguém que mereceu viver disso e sustentar a escrita com ela mesma, viajando para me inspirar, diversificar e aprofundar textos.



Como você gostaria de ser visto pelos seus leitores?

Essa é fácil! Como um refúgio, alguém que lhes entenda e estenda a mão. Quero ser, mesmo que atinja o auge da fama, acessível. Quero que enxerguem a verdade nos meus olhos e quero poder ser verdadeira. Desejo que gostem e se envolvam com minhas histórias e personagens tanto quanto eu. Só isso.

Qual o seu maior medo no ramo da literatura?

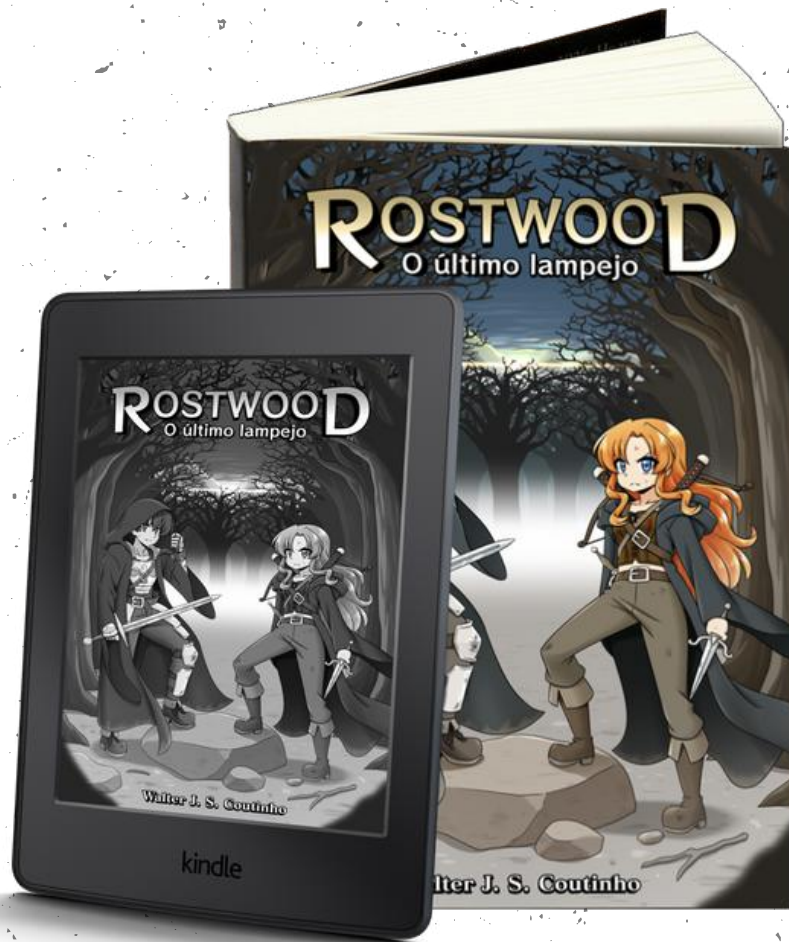
Que a gente se perca no caminho e deixe de valorizar as pessoas e sim determinadas receitas prontas de gêneros literários e histórias, que a cultura e a diversidade acabem se perdendo.

Deixe aqui algum pensamento:

O quão ambíguo é o público: se te adoram, idolatram, nunca vão evidenciar um erro sequer que cometa. Todas as faltas, serão meras expressões humana. O difícil é chegar lá e ser aceito pela maioria. Não deixemos esse meio caótico moldar quem somos e apagar nossa chama. Expor nosso trabalho é duro, dolorido, e nos deixa vulneráveis, mas é a única forma de chegarmos nas pessoas certas, naqueles que vão adorar nos ler e ouvir.



INDICAÇÃO DE LEITURA



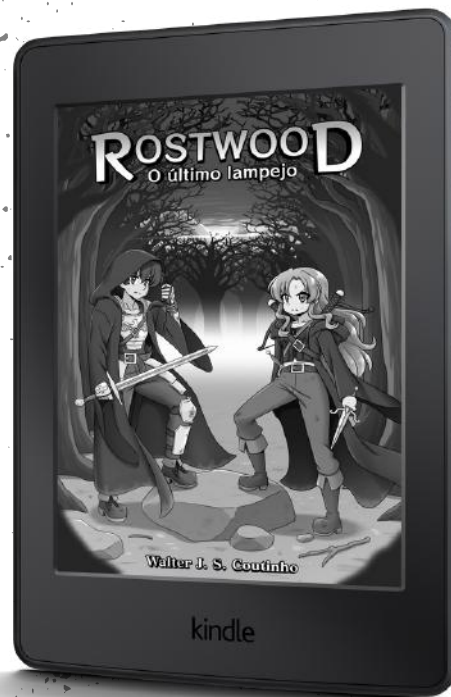
ROSTWOOD: O ÚLTIMO LAMPEJO

WALTER JS COUTINHO

Na conclusão épica da saga Rostwood, agora visto como um foragido pelas autoridades locais, Artur se encontra encurralado em um cerco maligno de conspirações, refugiado no moinho de Thomas junto de todos os seus amigos. À medida que o tempo passa, mais as saídas se fecham ao redor deles.

Quando uma aliança inesperada surge das sombras, oferecendo-lhe um lampejo em meio à escuridão, o menino se prepara para usar os últimos resquícios de sua energia para concluir o que começou. Com o coração carregado de determinação, arrastado por uma trama repleta de réviravoltas arrebatadoras, sacrifícios e revelações surpreendentes, Artur compreende que era chegada a hora da batalha final. Embarque na jornada sombria, onde a saga Rostwood chega ao seu clímax avassalador, prometendo um desfecho que ressoará através das eras!

INDICAÇÃO DE LEITURA



Gênero: Fantasia sombria, drama, romance, suspense, ação, aventura, medieval. Classificação indicativa: 14 anos.

**Pré-venda do livro físico
liberada via DM do autor.
LANÇAMENTO MARÇADO PARA
O DIA 07/06!**





WALTER JS COUTINHO

Contracapa do livro Rostwood: O ÚLTIMO
LAMPEJO

CRÔNICAS DO MÊS

Uma história no trem

Numa destas tardes chuvosas, eu tinha um encontro com uma amiga no Centro Cultural São Paulo. Era uma sexta-feira. Dia de relaxar, mas não para aquele rapaz que encontrei. Enquanto eu aguardava o metrô, vi um rapaz franzino e baixinho descer a escada correndo (a pressa dele era tanta que não viu a rolante ao lado). Ao mesmo tempo que ele descia correndo também olhava o celular. E ainda carregava uma grande bolsa a tiracolo. Passou como um vendaval por mim e, apressando o passo, seguiu bem lá para frente, em direção ao primeiro vagão. Até aqui, tudo bem, quem é que não corre para pegar o metrô? Mas o fato é que o metrô não estava lá, nem dava sinais de estar chegando. Aquele rapaz ausente, longe, aflito estava em todos os lugares, exceto naquela plataforma de metrô. A ansiedade faz isto com a gente: estamos lá na frente, num lugar que ainda nem sabemos onde fica. Estranho observar a ansiedade do outro. Estamos sempre na primeira fila para observar, mas não queremos ser observados. E quando alguém aponta o dedo para nós, negamos. Eu!? Imagina! Se aquele rapaz tivesse a opção de não ser notado, assim o faria. Ninguém quer ser visto assim, tão exposto, tão frágil. Ele não percebia que era observado. Mas era. Parece que quanto mais pressa temos, mais longa é a demora. Voltando ao rapaz:

Ele mantinha a expressão aflita, tensa e ansiosa. A pressa dele precisou esperar porque o trem ainda não estava lá. E piorou: ao invés de ele continuar a bater um pé, começou a alternar as batidas nos dois pés, e a bufar na plataforma. Algumas pessoas riram dele, que triste! Rir da dor alheia. Mas alguém riu. O tempo. Você procurou por ele atrás da porta? O trem chegou, e já não temos mais tempo para pensar e conversar. É preciso embarcar. O caminho muitas vezes não se sabe, mas é preciso embarcar. Embarquei no mesmo vagão daquele rapaz para acompanhar mais sobre aquela história. Ele se sentou, apanhou o celular e deu alguns comandos. Alguns instantes depois, guardou-o na grande bolsa que carregava, juntou suas mãos ao colo, e deu um profundo suspiro. Num lampejo de consciência, ele se deu conta de que, naquele momento, o trem tinha mais força e autonomia que ele. Chegou a minha estação: Vergueiro. Desci. Não pude ver o final daquela história, nem descobrir o porquê da pressa. Só sei que o trem partiu com aquele desconhecido dentro, levando seus anseios para a próxima estação.

RENATA M. DE LIMA

Professora e escritora. Formação em Letras, pela UNIFAI/SP, e Pós-graduação em Língua Portuguesa, pela PUC/SP. Fundadora e escritora de crônicas no Blogue Mentos e Frutos. Membro da Antologia de 40 anos, Editora Scortecci, de Um Natal mais que especial, Editora Perse, e membro do Coletivo Escribas.



**REVISTA
ESCRIBAS**

**POESIAS
CONTOS &
CRÔNICAS**

**REVISTA
ESCRIBAS**

BARCO SEM VELA

Ele era um homem apaixonado que, contudo, amava a mulher mais do que a si mesmo. Esqueceu o brio, esqueceu-se de buscar um sentido para a própria vida. Aceitava migalhas de um amor, fingindo não ver seu declínio. Ele, um homem de grandes sonhos, do tamanho do céu que figurava explorar um dia, mas que não explorou. Pés plantados na areia, não saiu de frente ao mar. Ali, bastava jogar a rede, os peixes vinham. Pescava no almoço, comia na janta; no dia seguinte, o mar provia de novo. Ela, sereia sem cauda, com pernas prontas a correr: queria ostras, lagostas, a leveza da seda e lençóis de cetim. Os lábios dela tentaram falar que o amor havia acabado, os ouvidos dele se fecharam. Os olhos dela revelaram o fim, os dele, desviaram-se para não ler o aviso. Ela tentou resgatar o que se perdeu, mas o amor expirou. Então, partiu para navegar por outros mares, e ele a seguiu com seu barquinho a remo, acompanhando-a entre ondas e náuseas do destino. Acenando de longe entre mentiras entrelaçadas que bordava em silêncio. Nos olhos mortificados, a tristeza desnudava. No breu da madrugada, a alma sangrava e o coração gritava ausências. Nos olhos dela, porém, não se via nada, nem lembranças do amor que um dia estuara, mas desardeu de repente como outros que tivera. Ela queria o mundo, deslizando, insana, entre seus sussurros que confeccionavam asas. Um dia partiu voando. E ele, que há muito havia esquecido o sonho de voar, não pôde alcançá-la. Era um homem solitário. Um homem que amou demais e esqueceu-se de partilhar o que sentia, amava e repelia, como um louco descompensado andando em círculos na via irrompida de sua sanidade. Não viu os anos passarem, não viu os filhos crescerem, não viu a barba embranquecer. Chegava a causar compaixão.

CRÔNICA

REVISTA ESCRIBAS

Outras mulheres vieram, outras mulheres o amaram. Porém, o homem não amou a mais ninguém, e duvido, inclusive, que um dia tenha amado a si mesmo.

O conto faz parte do livro "Cordilheira e outros descaminhos", publicado pela editora Folheando.



LUCIANE MONTEIRO

Escritora por paixão, gosta de mergulhar no universo feminino, masculino ou infantil, com o intuito de desvendar os nós de cada um, inventando novas possibilidades para cada realidade diante de seus olhos! Autora de livros de literatura infantil, infantojuvenil, contos e romances. Atualmente, mora no Canadá, onde, com o Voix de Pasaj, difunde a interculturalidade no Québec.



ESPELHOS

O alarme toca, eu peço mais cinco minutos. O alarme toca, de novo, mais cinco minutos. Ontem eu tive motivos justificáveis para não tombar na cama com tanta leveza. Juro que tive meus motivos. O alarme insiste. Insiste tanto que já não aguento mais o barulho, deveria tocar "parabéns" mais uma vez ou as segundas realmente não acomodam os aniversários? O espelho do armário é a primeira forma que eu vejo ao finalmente me forçar a abrir meus olhos, Desde quando fiquei tão bagunçada? Os cabelos tão mexidos, como se levantar da cama fosse a luta mais épica que eu poderia viver. As protagonistas dos livros da minha estante ficariam com inveja ou cruzariam seus olhos perante tal cenário? Por um momento até esqueço que é meu aniversário, quando lembro, penso em qual deles eu parei no tempo. Vejo as cicatrizes que nem mesmo uma lupa poderia captar com tanta previsão. As rachaduras no estômago, as irritações na pele, os calos nas mãos, os leves tremores nas pernas. Pego o óleo da cabeceira, penteio o cabelo com os dedos, parece muito mais longo do que eu lembrava estar. Cheio de memórias. Nem tudo pode ser cortado. Alguns estão enterrados, outros andam por aí, me assombram em datas inesperadas, sem fazer a mínima questão de fazer isso em data comemorativa. Mas uma segunda-feira é um dia tão triste e sem tempo. Logicamente eu deveria apenas me arrumar do mesmo jeito de todos os dias, e só me acostumar a viver mais um ano, sem considerar que pode ser o último, assim, ao soprar qualquer tipo de velinhas, eu não poderia sonhar com qualquer coisa diferente do roteiro que já está escrito. E isso não seria triste. Não seria triste se eu não passasse o resto dos meus anos desejando voltar? Ou será que seria?

É melancolicamente silencioso o único barulho ser o silêncio, o silêncio de perceber que todas as minhas melhores versões já foram ofertadas muito tempo atrás, quando eu era jovem demais para ser realmente boa no que quer que fosse. E meus sonhos começam a desbotar, como se a água derramada tivesse manchado todo o espelho. E onde ficam os anos dourados que todos juravam que eu teria pela frente, desde que eu me lembro? Mas parece que eu desperdicei todo esse tempo, todo esse potencial. Preciso fazer mais uma segunda-feira funcionar. Encaro o espelho do armário e o empurro para o lado. Pego o uniforme. Passo pela mesa para pegar o cordão de sempre, mas eu cometo o primeiro erro da nova idade. A sabedoria alcançada não se aplica a posição que devemos organizar as coisas da mesa? O barulho de algo mais sendo quebrado ressoa em meus ouvidos. O espelho da mesa cai. Eu caio de joelhos. Cato os cacos antes que façam algo sangrar. A primeira melodia que não vem do celular. Realmente não é nenhum parabéns, embora eu mereça, por tanta burrice. Será que um espelho tão pequeno dá 7 anos completos de azar?



NICOLE FELIPPE BEYRUTH

Nasceu no interior do Rio de Janeiro e cresceu sonhando com histórias fantásticas. Com 15 anos escreveu uma fantasia, apaixonada pelos personagens, se encantou pela escrita de romances, poemas, poesias e crônicas. Atualmente, cursa Letras: português e literatura.



**REVISTA
ESCRIBAS**

**TEXTOS
VENCEDORES
DA NOSSA
CHAMADA**

**REVISTA
ESCRIBAS**

Dedos

Nasceu pequena, entre monstros. Os pais cuidaram da menina por pouco tempo. Não conheceu infância. Bem miúda, logo que seu frágil corpo aprendeu a andar pelos labirintos do terreno e seus pequenos dedinhos estavam prontos para servir as bestas, começou a trabalhar. Foi o mesmo com seu pai e com sua mãe. Ela não tinha nome. Ninguém naquela terra tinha nome, nem mesmo os monstros. Também não existia saída daquela terra. O corpo do ser humano não dura muito no território desses monstros. Raramente, moribundos, cegos e ofegantes, passam dos cinquenta anos. Foi assim com os avós dela. E assim seria com os seus pais. E assim seria com ela. Chance de salvação não conheceria nenhuma. Nunca saberia o que é morar longe das criaturas, respirar em outra atmosfera. Para sempre inalaria a fumaça e os dejetos que os monstros criavam. Assim era a vontade de homens poderosos. Dos monstros não se viam os corpos. Estes estavam enterrados no chão. Já a cabeça se projetava para fora da terra. Eram circulares, em forma de domo. A pele das bestas era marrom escuro, como lama, mas de material mais sólido. Não tinham olhos nem orelhas. Sua boca era imponente, maior e bem mais larga que a menina. A boca abria caminho para um interior oco, com um pequeno furo no topo. Se os monstros não esbravejassem labaredas em sua direção, a criança bem que podia transformar uma daquelas cabeças vazias em habitação, ou pelo menos um lugar para se proteger da chuva ou do vento. Mas nunca chovia naquele lugar. Meia verdade. Até chovia pelas estatísticas oficiais.

É que a terra dos monstros é tão quente que as gotas evaporam antes de chegarem perto do solo. Também entre rajadas de chama e cabeças quentes, brisa nenhuma se criava. Naquela manhã, a família ia alimentar mais um monstro. Começaram enchendo sua cabeça oca de madeira. A menina ficou agachadinha perto dos lábios da fera, ajeitando os pedaços de madeira à Sua Vontade. Logo que a menina saiu, o pai ateou fogo. Mãe e filha buscaram barro e fizeram tijolos enquanto o pai controlava as lufadas. A temperatura foi aumentando e todos começaram a usar o barro e os tijolos para fechar a boca do monstro. Agiram rápido, pois cada segundo perdido era um grau a mais de calor na pele, uma queimadura na pele mais aberta. Com agilidade fecharam a boca do monstro.

A família sentou no chão para respirar e tomar um gole d'água antes de alimentar a próxima besta. O tempo de descanso não era muito e ficar parado só piorava a sensação de braseiro. Foi quando a menina olhou para as mãos. Seus dedos estavam pretos, porosos e quebradiços como o próprio carvão vegetal que recolhia.

ANTONIO SODRÉ

Cidade/estado: São Paulo/SP
Perfil do Instagram: @acasodre

A DAMA INSUBMISSA

Ela é dama, sem premissa. Empoderada e Insubmissa.
No palco das sentenças, como ninguém, faz Justiça
E assim o faz em seu livre querer de quem liberta,
atesta, põe à prova, aprova e conquista
E deste ponto de vista, "igual a todos os" Sonhadores,
"em um só" bando de: ora errantes, ora eloquentes,
de Vivas Gentes Privilegiadas ou Des(Contentes)
Nela que é jornada, sem drama, nem querela,
lida com plebeus e afortunados,
Não alimenta, nem fomenta Apartheid de:
raça, classe, gênero, etnia ou idade
Ela dá Recados. Funda Reinos.
Cria e Institui seus Legados!
O que nela cabe é o mundo, multifacetado,
Humanos Artistas, na pista da vida,
em estado pleno de fortuita graça!
E haja pista. Haja vista. Haja Gente Viva!
Que assim se Des[En(caixa)] na Pasta Alforriada
da Dama Insubmissa; a ARTE, esta que destarte,
une as partes, distintas, das in(contidas) cheganças,
empreitadas, revoadas e partidas, eternizadas,
nas p(almas) da vida!

EDY JUSTINO

Cidade/estado: João Pessoa/Paraíba
Perfil do Instagram: @edy.justino

O Corpo Nunca Foi Meu: Casamos com o Silêncio, e Agora Queremos o Divórcio (A ruptura com a obediência feminina)

O peso de ser e nascer mulher era — e ainda é, em muitas culturas — um fardo maldito passado de geração em geração. Desde os primórdios, nos impuseram dogmas e cintos de castidade. Fomos ensinadas a calar, a ser castas, a vestir branco para o casamento e a sangrar na noite de núpcias.

A cultura patriarcal cobra da mulher posturas como se seu valor estivesse preso à integridade de um hímen. Mas o que esses homens fazem com nossos corpos? Será que há valorização para aquela que se entregou "virgem e imaculada"? A que teve apenas um homem na vida, como uma santa no altar? Será que ela é mais respeitada? Será poupada de traições, violências patrimoniais e feminicídios? Será que ganha um lugar no céu por sua obediência?

O casamento, por muito tempo, não foi sobre amor, mas sobre acordos entre famílias e a união de riquezas. Para os mais pobres, a honra era vendida com véu e grinalda. Em muitas culturas, meninas grávidas precisam se casar antes que a barriga apareça, para não "manchar" a honra da família.

Mas não se engane ao achar que isso é coisa do passado. A mulher que não se mantém casta ainda é julgada, sendo motivo de conflitos familiares. E, mesmo aquelas que seguem os dogmas à risca, ainda são humilhadas, traídas e violadas. Durante séculos, fomos apenas transferidas da casa paterna para os cuidados abusivos dos maridos.

Nossas bisavós não puderam escolher. Nossas avós não puderam votar. Nossas mães não puderam amar livremente. Cabe a nós, hoje, romper com essa cadeia de silenciamentos. Podemos votar, parir ou não, casar ou seguir solteiras — em uma realidade ainda restrita à cultura ocidental.

Que a gente siga escrevendo, rompendo, ensinando e caminhando. Que sejamos voz para as que vieram antes e semente para as que virão. Nos divorciamos, dia após dia, de um sistema que muitas vezes apenas nos tolera, mas não nos respeita. E não vamos recuar!

FERNANDA AZEVEDO

Cidade/estado: São Gonçalo/RJ
Perfil do Instagram: @fernandazevedo

A Mãe que era Camponesa

Era uma vez, na aldeia da Macia morava uma mulher camponesa, viúva chamada Antônia. Ela tinha um filho de 11 anos. Desde que ela perdeu o seu marido passou a se empenhar na agricultura para alimentar a sua família. Todos os dias ela acordava às 3h da madrugada para preparar comida para o seu filho Tiago e de seguida ir à machamba onde ela passava quase todo o seu dia. O seu filho Tiago frequentava a sétima classe na escola local. Ele tinha o sonho de ser Médico para poder ajudar todos os doentes da sua vila e oferecer uma casa digna à sua mãe. Quando a mãe lhe perguntava sobre os sonhos ele não se limitava, ele afirmava com toda certeza que queria ser alguém que iria ajudar as pessoas doentes. A senhora Antônia chorava todas as noites porque ela não tinha condições financeiras para poder custear os estudos do seu filho. Sempre que ela se deitava no seu leito, lembrava do seu falecido marido e sentia muitas saudades.

— Marcos, como irei realizar o sonho do nosso filho? Se você estivesse aqui, tudo seria diferente. Assim lamentava até adormecer.

Quando já eram 3h, ela acordou como de costume para ir à machamba. Durante 3 anos, ela continuou com esta rotina, onde anualmente ela conseguia muita quantidade de arroz que servia para o seu consumo, uma parte guardava na sua reserva e a outra quantidade vendia para poder sustentar o seu filho e custear os seus estudos.

Naquele mesmo ano aconteceu uma cheia que destruiu e inundou diversas machambas. Muitas famílias não tinham o que comer, isto fez com que muitos procurassem pela comida para comprar. A dona Antônia tirou toda quantidade de comida que estava na sua reserva e vendeu. Com este dinheiro ela comprou mais terras, contratou duas pessoas para poderem lhe ajudar a cultivar e aumentou o nível da sua produção. Tudo o que ela conseguia na venda daquilo que ela produzia, pagava os seus funcionários e custeava os estudos do seu filho. Passando dez anos, o Tiago se formou em Medicina Geral, passou a ajudar os doentes da sua vila e deu uma casa à sua mãe como ele tinha prometido quando era mais novo. Todas as noites perdidas tiveram retorno, a dor de pegar a enxada trouxe uma mudança na sua família, orgulho é o que a dona Antônia sentia naquele momento por ver o seu filho formado.

JOSÉ MANUEL

Cidade/estado: Beira/Moçambique
Perfil do Instagram: @jose_manuel_oficial

À Cor Da Minha Pele...!

A cor da minha pele é negra seu moço,
Mas nem por isso sou bandido,
Nem tão pouco suspeito do que hei de me acusar.

A cor da minha pele é negra seu moço,
O meu cabelo é naturalmente crespo,
E não 'ruim' assim, como foi tachado no conceito do preconceito.

A cor da minha pele é negra seu moço,
Mas, em uma escola um dia eu fui estudar,
Onde lá aprendi a ler, a escrever, e a minha cidadania exercitar.

A cor da minha pele é negra seu moço,
A minha religião por crença e fé é o candomblé,
Mas, nem por isso, Deus deixou de ser o criador e Jesus Cristo o meu salvador.

A cor da minha pele é negra seu moço,
Pele que quando ferida clama em sangue a se alentar na dor,
Sangue vermelho da mesma cor que a cor do sangue do senhor.

A cor da minha pele é negra seu moço,
Mas quando o dia da morte para nós dois chegar,
A minha cor e a do senhor, pra terra de nada vai importar.

MANOLLO FERREIRA

Cidade/estado: Juazeiro/Bahia
Perfil do Instagram: @manollo_ferreira

Contadores de Histórias

Em páginas de alma, onde a tinta dança leve,
Nascem palavras-estrelas, em versos que se tecem.
Um sussurro de vida, em cada linha que se escreve,
Um eco de emoções, que o tempo não esquece.

De Shakespeare a Cervantes, com rimas e prosa,
Um legado de sonhos, em cada página rosa.
Camões, com seus versos, um mar de emoção,
E Machado de Assis, em fina ironia, a razão.

Clarice Lispector, com sua prosa delicada,
Desvela os sentimentos da alma apaixonada.
E Adélia Prado, com seu olhar profundo e sereno,
Transforma o cotidiano em poesia e enredo.

São artesãos de sonhos, construtores de mundos,
Onde a imaginação se funda e os sentidos acalentam.
Para esses mestres da palavra, a nossa reverência,
Por darem voz ao silêncio em sublime eloquência.

E no silêncio das páginas, onde o tempo repousa,
Flui a melodia de um amor que se expõe,
Com a tinta dos mestres, em prosa e em prosa,
Desperta a beleza que em cada verso se encontra.

Poetas do Brasil e do mundo inteiro,
Vocês são os navegantes de mares profundos.
Com suas palavras suaves como um doce cheiro,
Transformam o cotidiano em sonhos fecundos.

Que a arte nunca cesse de fluir como o rio,
Que as letras sejam abrigo para a alma sonhar.
Um tributo a vocês que escrevem com amor e desafio,
Na eternidade das páginas, sempre prontos a amar.

Das profundezas da alma, brotam os versos sinceros,
Cada palavra é um cântico de anseios e verdades.
Escrever é mergulhar em mares inteiros,
Onde o coração se expõe, livre de suas tempestades.

MANUH PAZ

Cidade/estado: Campo Maior/Piauí
Perfil do Instagram: @Manu_hpaz

SELECIONADOS DA CHAMADA

REVISTA ESCRIBAS

Estarrecimento

O sujeito da frase anda egoísta
Não larga mão da posição
Não transita
Passa nada pra cá não
Resta um estado de ado
espantado
alarmado
intimidado.

MARIA IRIS LO-BUONO

Cidade/estado: São Paulo/SP
Perfil do Instagram: @dra.irisbuono

A ÚLTIMA BALSADA

A beira do cais de Tefé, o sol já descia preguiçoso por trás dos telhados tortos e do velho mercado de peixe. Eu vinha de mais um dia de aula e parei por ali, entre os barcos e o cheiro de diesel, para tomar uma garapa. Talvez fosse só para empurrar o tempo e adiar o peso da página em branco que me esperava em casa. O barulho do porto, os gritos dos canoeiros e o lamento das marolas me pareciam mais interessantes do que qualquer ideia que eu tivesse. Foi quando vi o Zé Bala. Magro, queimado de sol, camisa encharcada de suor, descia de uma balsa com o corpo arqueado sob um saco de farinha. Ninguém dava por ele, como se já fosse parte do cenário, como as cordas grossas ou os tonéis empilhados. Mas eu o observava, como quem procura, no banal, uma chance de beleza. Zé Bala era carregador, caboclo do interior, desses que nasceram no lombo do rio. Carregava peixe, cimento, esperança. Tinha um jeito de conversar com as coisas como se fossem gente. Era comum vê-lo falando com a balsa, com o fardo, com o próprio suor.

— Aguenta mais essa, meu véi — disse ele, como se encorajasse os ombros.

Quando encostou o saco no chão, puxou do bolso um papel dobrado e uma vela fina. O ajudante olhou estranho, mas não perguntou. Ele pegou uma cuia de café, acendeu a vela sobre uma tampa de isopor e ficou ali, parado, olhando a chama tremular contra a luz do rio.

— É aniversário da minha mãe — murmurou. — Ela se foi faz uns anos. Mas todo ano, nesse dia, acendo uma vela pra ela, nem que seja no porto.

Não houve parabéns, nem bolo, nem retrato. Só uma vela, uma cuia e a memória. Um ritual invisível, mas carregado de sentido. Zé Bala ficou ali uns minutos, em silêncio, olhando o fogo até que o vento o apagasse. Depois, limpou a cuia com a camisa, assoviou baixinho e voltou pra balsa. Terminei a garapa sem saber muito bem o que pensar. Mas agora, diante da folha que tanto me pesava, entendo. Assim eu queria minha última crônica: feita de silêncio e suor, simples como a vela do Zé Bala.

MÁRCIO AUGUSTO SILVA DE SOUZA

Cidade/estado: Tefé/AM

Perfil do Instagram: @marciopaladino27

O trem do Brasil

Pão pão, farofa não
Quero minha liberdade de volta
Pão pão, grades não
Não reivindicar o "me solta"
Pão pão, blá blá blá não
Quero expor a minha opinião
Pão pão, me enrola não
Trem injusto como o cão
Pão pão, fome não
Quero comer caviar com Rousseau
Pão pão, prato vazio não
Não o pão que o diabo amassou
Pão pão, promessa não
Quero ver comida no prato
Pão pão, falácia não
Encarar os farsantes do Ato
Pão pão, farofa não
Quero meus punhos sem amarras
Pão pão, censura não
Sem as falsas promessas de farras
Pão pão, mentira não
Quero fazer o que me der na telha
Pão pão, galhofa não
Sem perder a ternura vermelha
Pão pão, atraso não
Quero o trem do Brasil a todo vapor
Pão pão, genocídio não

Sem o clamor do povo a sentir dor

Pão pão, tristeza não

Quero espalhar alegria de novo

Pão pão, discórdia não

A paz e harmonia de volta para o povo.

SEBASTIÃO AMÂNCIO

Cidade/estado: Passo de Camaragibe/AL

Perfil do Instagram: @sebastiaoamancio1970

Guerrilha

Me deparo com o cansaço e um velho combatente de longas guerras me acompanha. Me prega os olhos, me faz tontear. Desconforto plausível pela óbvia espera. Triste foi o outro, que ao longo do caminho se perdeu e se encontrou. Encontra o leste da vida, o pior da morte e ainda deseja seguir. Não compreendo, ora, pois, como Drummond, "a vida é pra mim é vontade de morrer". Vou aos poucos, me desintegro com o andar das rodas, perco pedaços ao partir do tempo. Indo aos poucos, me vou de fato, na hora que der e quando vier me questiono se será tão diferente. Morte é vida, vida é morte. O dilema filosófico do sentido de viver tem resposta no fim.

TIEMI YOKOYAMA

Cidade/estado: Sinop/MT
Perfil do Instagram: @artyokoyama

**APOIE O NOSSO
TRABALHO CURTINDO,
COMENTANDO E
COMPARTILHANDO A
REVISTA.**

**USE AS NOSSAS
HASHTAGS**

**#REVISTAESCRIBAS,
#COLETIVOESCRIBAS.**

**DESEJA TER O SEU
TRABALHO DIVULGADO
NA REVISTA ESCRIBAS?
ACOMPANHE NOSSOS
PERFIS E FIQUE ATENTO
ÀS CHAMADAS.**



ESCRIBAS
REVISTA